

## Entrevista com a Profa. Suely Druck

**1. Conte-nos onde nasceu e como foi a sua infância, falando os nomes de seus pais e da formação acadêmica deles.**

R: Nasci na cidade do Rio de Janeiro, e até 4 anos morei na Avenida Passos, no Centro, num prédio ao lado de uma Igreja que existe até hoje. Dos 4 aos 6 anos moramos em Porto Alegre e depois regressamos ao Rio de Janeiro.



Meus pais, Dina Schneider Druck (carioca) e João Schneider Druck (gaúcho), ambos brasileiros natos e filhos de emigrantes russos/rumenos que vieram para o Brasil fugindo do anti-semitismo na Europa. Apesar da vida difícil para os emigrantes, com dificuldades de idioma e grandes restrições financeiras, minha mãe se formou no curso técnico de Contabilidade e na Escola Nacional de Música como concertista; além de ter feito o curso de corte e costura, usual para mulheres naquela época. Meu pai se formou em técnico Comercial e veio para o Rio de Janeiro aos 17 anos.

Dos 6 aos 11 anos moramos no Leme, tendo uma vida bastante austera mas muito divertida: bonde ao invés de ônibus (por isso sei dirigir bonde), praia, mas só aos domingos tínhamos direito a um picolé da Kibon, brincar com primos e amigos na calçada do prédio, ver o pizzaiolo da Fiorentina fazer a massa, assistir televisão na casa de um vizinho. Televisão só chegou à nossa casa quando eu tinha 11 anos – foi uma festa!!!!

Nossa vida girava muito em torno da família: visitar sempre os avós em Bonsucesso, os tios em Del Castilho, encontros e aniversários frequentes com primos, nossas festas religiosas com toda a família, etc.

Aos meus 11 anos, meu pai foi convidado a trabalhar no Grupo Votorantin



e tivemos um upgrade financeiro fantástico: apartamento ENORME em Copacabana, carro Mercury importado (não havia indústria automotiva nacional), etc, etc, etc.

Quando tinha 14 anos, apesar da nossa boa situação financeira, minha mãe decidiu trabalhar, o que era raríssimo para mulheres na situação dela. Em geral, nessa época, só trabalhavam as mulheres cujos maridos não proviam financeiramente bem as famílias. Junto com sua cunhada (esposa do meu tio) abriram uma boutique num apartamento quarto-sala e progrediram até ter 3 lojas grandes em Copacabana alguns anos depois.

## **2. Conte-nos como se deu a sua opção pela matemática?**

R: Tive a sorte de frequentar excelentes escolas públicas e por isso tive uma ótima formação estudantil. Assim conheci desde cedo a boa matemática. Desde muito pequena, adorava o ballet clássico e a matemática, e me destacava muito em ambos. Meu sonho era ser bailarina, no entanto tive uma lesão séria no joelho causada por um tombo de bicicleta aos 11 anos o que me impedia de dançar, em particular “fazer ponta”. Assim, interrompi o ballet, ao qual retornei muitos anos depois, e fiquei com a Matemática!

## **3. Seus pais a incentivaram ou eles tentaram fazer com que escolhesse outra área para realizar a graduação?**

R: Meus pais sempre me colocaram em ótimas escolas públicas, mas jamais me deram qualquer incentivo para a Matemática. Aliás, na época, não era nem comum nem bem visto meninas gostarem de Matemática. Não valorizavam nem o meu talento nem o meu bom desempenho em Matemática, mas também não tentaram influenciar a minha escolha. Apenas no 5o ano, quando prestávamos os exames de admissão ao ginásio, minha mãe quis que eu prestasse exame para o Instituto de Educação, que formava as professoras primárias que lecionavam do 1o ao 5o ano, Como eu tinha outras pretensões e não queria ser professora primária me rebelei e ameacei entregar a prova do exame em branco. Isso me



garantiu entrar para o Colégio de Aplicação e cursar o Científico (equivalente ao EM com opção para ciências e exatas).

#### **4. Como foi a sua graduação? Haviam muitas alunas nas turmas?**

R: Haviam muitas mulheres no curso, todas queriam ser professoras. Cursei a graduação na UFRJ na época da ditadura, que foram tempos muito tensos e conturbados nas universidades. Por isso o curso foi péssimo, praticamente só aprendemos a resolver algumas integrais e geometria analítica no espaço. Quando cheguei no IMPA (3 anos depois de formada) para fazer o mestrado percebi o tamanho enorme do buraco em minha formação; jamais tinha ouvido falar de um grupo, se e somente se, espaços vetoriais, etc.

#### **5. Como se decidiu pela subárea de atuação?**

R: Comecei o doutorado na área de Matemática Aplicada, mas não gostei e mudei para a Topologia Diferencial. A minha escolha pela Topologia se deu muito em função da escolha do orientador, porque na época o Paul Schwietzer era, talvez o matemático mais prestigiado no Brasil porque era formado pela Universidade de Princeton, e principalmente, porque acabara de resolver uma conjectura famosa em aberto há anos. Percebi uma certa beleza na conjectura. Isso me encantou e fui atrás dele! Até hoje somos muito amigos.

#### **6. Onde realizou o Mestrado, Doutorado e Pós Doutorado?**

R: Mestrado (IMPA), Doutorado (PUC-Rio), Pós-Doutorado (Université Paris XI).

#### **7. Nos Mestrado e Doutorado, sentiu algum tipo de preconceito por ser mulher?**

R: Tive problemas com assédio por parte de alguns professores durante minha fase de estudante.



<http://mulheresnamatematica.sites.uff.br>

**8. Fale de seus cargos acadêmicos científicos. Quais foram eles e as datas de nomeação. Relate se sentiu discriminação por ser mulher, principalmente quando estava em alguma reunião expondo um assunto relevante.**

R: Os principais foram:

- (i) Professora Assistente –PUC-Rio/1977-1992
- (ii) Professora Associada IV – UFF /1993-2013(\*)
- (iii) Maitre de Conference – Université Paris XI – 1966-1987
- (iv) Professeur Visitant – Université Paul Sabatier, Toulouse (diversas vezes no período 1990-2005)
- (v) Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Matemática/UFF – 1996-1999
- (vi) Presidente da Sociedade Brasileira de Matemática- 2001-2005
- (vii) Membro da delegação brasileira do International Visitor Leadership Program United States Department of State: *“Women in Science and Tecnology – A Project for Brazil”*, , Secretaria de Políticas para Mulhere, 2011
- (viii) Membro do Scientific Planning Groups - International Council for Science – Latin America& Caribbean que elaborou proposta para o ensino da Matemática para América Latina e Caribe. 2009
- (ix)Membro do Comitê Editorial da Revista Ciência Hoje. 2005-2009
- (x)Membro da Diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência 2005/2009.
- (xi) Membro do Conselho Técnico-Científico de Educação Básica da CAPES-MEC por 3 anos 2008-2011.
- (xii) Consultora: FAPERJ, CAPES, CNPq.

Em algumas reuniões pode ter havido discriminação comigo, mas isso passava logo talvez em vista da minha postura. Fui alvo de preconceito explícito, por parte de homens e mulheres, na época em que dirigia a OBMEP.



<http://mulheresnamatematica.sites.uff.br>

**9. Se tem filhos, conte-nos das dificuldades de conciliar a maternidade e os estudos. Se não tem filhos, conte-nos se isso foi uma opção relacionada a carreira.**

R: Fui mãe bastante jovem, aos 27 anos já tinha 3 filhos. Obviamente era um enorme esforço físico e mental acompanhar os colegas, a maioria sem filhos ou outras obrigações que não estudar. No doutorado em já era divorciada e sozinha para cuidar e sustentar o três. Mas acho que me saí bem, consegui chegar onde queria!

**10. Quando e como gênero e ciência começaram a ser um tema de reflexão para você?**

R: Quando tive alunas mulheres no mestrado, e principalmente quando me tornei Presidente da Sociedade Brasileira de Matemática. Por isso fui consultora da Secretaria de Políticas para Mulheres e recebi inúmeros convites para abordar o tema.

**11. Deixe uma mensagem para as meninas, com a finalidade de mostrá-lhes que é possível seguir a carreira de matemático.**

R: Deixo uma linda frase da Marie Curie, uma mulher que mudou o curso da Ciência.

*“Nada na vida deve ser temido, somente compreendido. Agora é hora de compreender mais para temer menos.”\_ Marie Curie*

